

A revisitação do texto bíblico no evangelho saramaguiano

The revisiting of the | Biblical text in the Saramago's gospel

Patricia Conceição Silva SANTOS*

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade abordar a importância do recurso paródico como ferramenta essencial na conservação das fontes primárias, ao se propor em revisitá-las. No caso específico deste artigo, o texto bíblico constitui-se na fonte primária que, por sua vez foi revisitada pela obra ficcional *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago. A intenção é demonstrar através de um levantamento de passagens bíblicas as semelhanças e diferenças entre as duas abordagens - a do texto bíblico e a do romance. O recurso paródico aqui abordado deve ser entendido numa perspectiva dialógica, ou seja, no momento em que o texto bíblico é revisitado, a tradição é retomada e ao mesmo tempo reescrita.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelhos sinóticos. Revisitação. Evangelho saramaguiano. Paródia. Diálogo

ABSTRACT: This article aims to address the importance of parodic resource as an essential tool in the conservation of primary sources, when proposing to revisit them. Specifically in this article's case, the biblical text constitutes the primary source, which in turn was revisited by the fictional work *O evangelho segundo Jesus Cristo*, by José Saramago. The intention is to demonstrate through a survey of biblical passages the similarities and differences between the two approaches - the biblical text and the novel. The parodic feature discussed here should be understood in a dialogic perspective, i.e. at the time the biblical text is revisited, the tradition is resumed while rewritten.

KEYWORDS: Synoptic Gospels. Revisiting. Saramago's gospel. Parody. Dialogue.

A nossa abordagem visa demonstrar o quanto o texto bíblico, mais essencialmente os evangelhos sinóticos, constitui-se num importante acervo, constantemente revisitado, o que o torna uma fonte inesgotável de pesquisa. Este texto na realidade faz parte de um projeto maior - minha dissertação de mestrado, porém o nosso enfoque aqui dará ênfase a uma das fontes usadas - os evangelhos sinóticos. A nossa intenção com este trabalho é demonstrar a importância do recurso paródico como forma de revisitação de fontes

*Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE).

primárias (entendemos como texto original), especificamente o texto bíblico.

Neste texto abordaremos alguns episódios dos evangelhos sinóticos que retratam a infância e a fase adulta de Jesus e, que são revisitados na obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, o que ressalta a importância do texto bíblico como fonte primária riquíssima, que se mantém viva na atualidade, graças as inúmeras revisitações ao longo do tempo. Como prova disso, podemos citar – além do evangelho saramaguiano, as inúmeras releituras da vida de Jesus feitas até o momento, dentre elas: o romance *A última tentação de Cristo*, de Nikos Kazantzakis, no qual Martin Scorsese se inspirou para fazer o filme com o mesmo título, lançando questionamentos sobre os padrões de castidade defendidos pela igreja; o filme *Je vous salue Marie*, de Jean-Luc Godard; em que o cineasta enfoca o nascimento do menino Jesus no contexto urbano da atualidade, em que o mesmo é destituído de tratamento excepcional, tal como acontece no texto bíblico; *Entre todos os nomes*, de Frei Beto, em que o autor, aproveitando-se das lacunas deixadas pelo relato dos evangelhos bíblicos, reconstrói a vida de Jesus numa óptica humana, em que os sentimentos de amor, solidariedade e liberdade adquirem força.

No caso específico deste trabalho, procuraremos focar em alguns episódios da infância de Jesus e da sua fase adulta tanto nos evangelhos sinóticos – fonte primária, como no romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago e com isto, tentaremos demonstrar a importância do recurso paródico como forma de se resgatar fontes primárias. Para o levantamento da fonte primária, achamos pertinente uma síntese dos evangelhos sinóticos levando em conta a peculiaridade de cada um dos evangelistas, além disso, utilizamos como parâmetro *O Evangelho segundo São Marcos*, por ter sido o primeiro a ser escrito.

No “nascimento” de Jesus concebido nos *evangelhos sinóticos*, percebemos a relevância do aspecto espiritual, representado pela visita dos pastores a manjedoura, levando como oferendas: ouro, incenso e mirra que podem ser vistas como uma simbologia da chegada do Messias ao mundo. A imagem de Jesus veiculada pelos *evangelhos sinóticos* possui um caráter espiritual. Os relatos desses textos têm como preocupação elucidar a trajetória da figura de Jesus como aquele que

deve ser objeto da fé, na crença no sobrenatural de todas as pessoas.

Partimos do princípio de que os evangelhos são frutos de “pregações orais”, que “remontam às origens da comunidade primitiva”, e possuem como garantia da sua autenticidade “as Testemunhas oculares”. Apesar dos “sinóticos” não se constituírem propriamente num “relato histórico”, havia a preocupação dos evangelistas em narrar os episódios da vida de Jesus como se fosse história. Mas, o objetivo maior era que eles se constituíssem em relatos de fé e por isso, não havia tanta preocupação com a “precisão material”, o que talvez explique a forma particular como cada evangelista retrata uma mesma mensagem (*Bíblia de Jerusalém*, 1995; 1985).

A figura de Jesus, tal como é tratada pelos *evangelhos sinóticos* possui um caráter profético e a trajetória da sua vida, é traçada por esses textos de maneira que a predominância recai sobre a realização dos feitos milagrosos e palavras doutrinárias, muitas vezes, expressas, através de parábolas. Além disso, desde o seu nascimento notamos a preocupação dos evangelistas em enfatizar a áurea de espiritualidade que cerca a cena, e que nos leva a acreditar no surgimento do messias.

No seu artigo intitulado “Procura-se Jesus Cristo”, Ricardo Arnt afirma que “os estudiosos (muitos deles, homens de fé cristã) sabem que os evangelhos oficiais da Igreja, de Marcos, Mateus, Lucas e João, dão mais testemunhos de fé do que da verdade histórica” (ARNT, 1996, 48).

Segundo o mesmo autor, mesmo com os avanços tecnológicos o mistério sobre a vida de Jesus continua: “O problema, incontornável, é que faltam fontes. Do nascimento de Jesus até o seu batismo na fase adulta, não há nada, nem nos evangelhos. Não há nenhuma descoberta arqueológica associada diretamente à vida de Jesus. As historiografias grega e judaica, tão copiosas sobre outros vultos da Antiguidade, simplesmente ignoram Jesus Cristo. As fontes romanas são posteriores à sua morte. E muitas foram adulteradas pela propaganda religiosa” (ARNT, 1996, 49).

Para o autor: “A maioria dos pesquisadores está convencida de que os quatro evangelhos oficiais da igreja do Novo Testamento – Marcos, Mateus, Lucas e João – não foram escritos por seus autores. São, muito

provavelmente, compilações de mensagens anônimas ou atribuídas aos apóstolos, orais ou escritas dos séculos I e II. Os nomes dos quatro evangelistas apenas identificam os conjuntos de ensinamentos (creditados a cada um deles) escritos e reescritos pelas comunidades, sucessivamente” (ARNT, 1996: 50).

Nos *evangelhos sinóticos* temos a representação do mito cristão na figura de Jesus. Ele é o centro das atenções e toda a sua trajetória é demarcada na intenção de veicular a ideia do nascimento do Salvador – aquele que chegou para nos redimir dos nossos pecados e trazer-nos a salvação.

Nesta premissa encontramos respaldo para o caráter profético da figura de Jesus veiculada pelos sinóticos, em que o aspecto divino sobrepõe-se ao humano, conferindo ao texto bíblico um típico discurso da autoridade. Em contraposição a obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo* pode ser vista como uma inversão paródica do mito cristão, pois subverte o sentido puramente espiritual que perpassa a figura do nazareno nos relatos bíblicos. O sentido da paródia que deve ser levado em conta na obra estudada não é o de pura negação, mas o de canto paralelo tal como concebido por Linda Hutcheon, uma vez que, se propõe como uma obra de literatura com sentido e profundidades próprias.

Para nossa abordagem da trajetória da infância de Jesus n’*Os Evangelhos Sinóticos*, nos basearemos nos relatos de Mateus e Lucas, já que esta fase é omitida em Marcos. Entretanto para o enfoque da fase adulta usaremos como referência *O Evangelho segundo São Marcos*, por ele ter sido o primeiro a ser escrito.

O início da trajetória de Jesus¹ nos evangelhos sinóticos é marcado pela passagem d’*A anunciação* em que Maria recebe o aviso do anjo Gabriel de que era a escolhida por Deus para dar a luz ao futuro messias. O seu nascimento, na manjedoura, denota o ambiente de simplicidade, na vinda do profeta ao mundo. N’*O Evangelho segundo São Mateus* percebemos a preocupação do evangelista em demonstrar *A ascendência israelita de Cristo*, como prova disso temos a genealogia de Jesus, presente no início do seu relato, enquanto em Lucas a preocupação maior está na defesa de uma *ascendência universal de Cristo* que remonta às origens desde Adão (A Bíblia de Jerusalém, 1995; 1837).

¹ Estamos a nos referir aos evangelhos de Mateus e Lucas nos quais são retratados o nascimento e a infância de Jesus, enquanto o relato de Marcos inicia-se com a “Preparação do ministério de Jesus”, na idade adulta.

No *evangelho* saramaguiano, Maria recebe a visita de um anjo-pastor que virá como pedinte e que, anunciará sua gravidez, só que no romance este episódio virá acompanhado de um efeito típico dos contos maravilhosos para simbolizar esta figura misteriosa: “Mulher, tens um filho na barriga, e esse é o único destino dos homens, começar e acabar, acabar e começar, [...] Naquele mesmo instante, as roupas resplandcentes voltaram a ser farrapos, o que era figura de titânico gigante encolheu-se emirrou como se estivesse lambido uma súbita língua de fogo, e a prodigiosa transformação foi mesmo a tempo graças a Deus (...) (EJC, 33)

No *evangelho* de Lucas é relatado o recenseamento ordenado por César Augusto, que obrigou José e a sua esposa Maria – que estava grávida, a se locomoverem até Belém – cidade de Davi, a cuja linhagem eles pertenciam. Ao chegarem lá, Maria dá a luz ao seu primogênito numa manjedoura, e lhe dá o nome de Jesus (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995; 1930).

No romance em questão, este episódio é retomado só que o nascimento de Jesus é marcado por circunstâncias que humanizam a cena: “Já a criança pode nascer, afinal um estábulo serve tão bem como uma casa, e só quem nunca teve a felicidade de dormir numa manjedoura ignora que nada há no mundo que se pareça com um berço.” (EJC, 81-82)

O episódio d’*A visita dos magos* relata a ida dos três magos ao local onde nasceu Jesus, levando-lhes oferendas simbólicas. Esta passagem é representada nos textos bíblicos como um sinal de boas vindas. No *Evangelho segundo São Mateus*, ela está associada ao conhecimento de Herodes do nascimento do “rei dos judeus” (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995, 1839). Outra passagem que remonta à vinda do Messias, veiculada nestes textos, vem expressa na ordem dada por Herodes, para que todas as crianças de Belém, abaixo de dois anos, fossem crucificadas.

O *Evangelho segundo São Mateus* associa a visita dos magos ao conhecimento de Herodes do nascimento do “Rei dos Judeus”, pois é ele quem os envia a Belém e pede-lhes que, ao retornarem lhe tragam notícias sobre o menino. Guiados pelas estrelas, os magos chegam à casa onde estava Jesus e sua mãe, e os presenteia com ouro,

incenso e mirra (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995, 1839). Em Lucas, os pastores são avisados pelo “Anjo do senhor” do nascimento do Messias, em Belém numa manjedoura e ao chegarem lá, encontram o “menino Jesus”, tal como, foi narrado pelo Anjo (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995, 1930).

No evangelho saramaguiano este episódio é narrado de forma humanizada em que os visitantes, dentre eles o anjo-pastor, irão trazer alimentos que remetem a situação de penúria em que se encontrava a família: “O primeiro pastor avançou e disse, Com estas minhas mãos mungi as minhas ovelhas e recolhi o leite delas [...] com estas minhas mãos trabalhei o leite e fabriquei o queijo [...] Então, O terceiro pastor chegou-se para diante, num momento pareceu que enchia a cova com sua grande estatura e disse, [...] com estas minhas mãos amassei este pão que te trago, com o fogo que só dentro da terra há o cozi. E Maria soube quem ele era” (EJC, 84).

O episódio da *Fuga para o Egito* e o massacre dos Inocentes é relatado em Mateus como um aviso a José pelo “Anjo do senhor” da intenção do Herodes em matar todas as crianças abaixo de dois anos, pois era do seu conhecimento o nascimento daquele que seria o “Rei dos Judeus”, portanto ele deveria partir para o Egito, e aguardar a morte de Herodes (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995, 1839-1840).

Este episódio é revisitado pela obra saramaguiana de maneira que, José por acaso ouve dos soldados romanos uma conversa em que é revelada a intenção de Heródes de exterminar as crianças de Belém menores de três anos, o que fará com que José entre em desespero e corra para a cova, procurando esconder-se dos soldados e, justamente por não ter avisado aos pais dos inocentes que serão exterminados é que ele será condenado a carregar esta culpa pelo resto de sua vida: “Que gritos eram aqueles, perguntou, mas o marido não lhe respondeu, empurrou-a para dentro e, em movimentos rápidos, começou a lançar terra sobre a fogueira [...] estão a matar gente [...] Crianças, por ordem de Heródes, a voz quebrou-se num soluço seco.” (EJC, 112).

Outro episódio bíblico que retrata a vinda ao mundo do Messias é o da Apresentação de Jesus no Templo após completarem os dias para a purificação da mãe e do filho, a família vai a Jerusalém para cumprir com as obrigações da lei de Moisés, e oferecem como sacrifício

um “par de rolas”. Quando chegam ao Templo, encontram com o velho Simeão - homem “justo e piedoso”, que esperava ser consolado por Israel e tinha o “Espírito Santo com ele”. A ele fora revelado que não morreria sem antes ver o “Cristo do Senhor”. Ao avistar o menino, “ele o tomou pelos braços e saldou a Deus”, dizendo que estava pronto para morrer em paz, pois já tinha visto aquele que seria “a salvação”, a “luz que iria iluminar todas as nações e a glória do povo de Israel” (A Bíblia de Jerusalém, 1995, 1931).

A Apresentação de Jesus no Templo aparece nos textos bíblicos como um reconhecimento da chegada do salvador ao mundo. Está idéia é reforçada pela presença do velho Simeão que abençoa o menino Jesus e saúda os seus pais. O narrador d’O Evangelho segundo Jesus Cristo retoma o episódio dando-lhe uma outra interpretação, na qual, critica a atitude de sacrificar as aves, conforme defende os mandamentos de Moisés: “(...) chegou, enfim, o memorável dia em que o menino Jesus foi levado ao Templo ao colo de sua mãe, cavalgando ela o paciente asno que desde o princípio acompanha e ajuda esta família [...] Deus é tanto mais Deus quanto mais inacessível for, e José; não passa de pai de um menino judeu entre os meninos judeus, que vai ver morrer duas rolas inocentes...” (EJC, 100).

A passagem da vida de Jesus no período compreendido entre os doze e os trinta anos é praticamente obscura para a maioria dos estudiosos. Após a sua infância, temos uma grande lacuna até a sua fase adulta. Os sinóticos, com exceção de Marcos tratam da sua infância e da sua fase adulta, a partir dos relatos de habitantes dos lugares que o profeta teria percorrido.

Para abordar as passagens bíblicas que retratam a fase adulta de Jesus, adotaremos o mesmo critério da fase do seu nascimento, em que pincelamos alguns dos episódios dos evangelhos sinóticos que apresentam semelhanças com a obra O Evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago.

Partimos do princípio que o evangelho saramaguiano tenta dialogar com o texto bíblico através do recurso intertextual. Dentre eles citaremos alguns milagres em que percebemos alguma semelhança com o texto original, enfatizando que no romance a intenção é enfatizar os aspectos mundanos. Vamos a estes episódios:

O milagre da *Cura da sogra de Pedro* é relatado de forma semelhante nos sinóticos. Jesus toca na sua sogra, apenas com a mão, e ela fica curada (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995, 1898). Em Lucas, ele inclina-se para a enferma, e conjura-lhe severamente a febre, que a deixa imediatamente (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995, 1937).

Na obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, o milagre da *Cura da sogra de Simão* dá-se da seguinte forma: Ao completar vinte e cinco anos, os sinais dos poderes milagrosos de Jesus se sucediam. O primeiro milagre “doméstico” acontece na cura da sogra de Simão, que estava com febre. Bastou ele tocar-lhe na testa para esta desaparecer: “(...) o que nunca acontecera foi sentir a febre sumir-se debaixo dos dedos de Jesus como uma água maligna que a terra absorvesse (...)” (EJC, 351).

O episódio d’*O endemoninhado geraseno* é retratado pelos evangelhos sinóticos da seguinte forma: Jesus segue com os discípulos para a região dos gerasenos, localizada do outro lado da Galiléia, quando veio até ele um homem, possuído por demônios, o qual ninguém conseguia dominar e, logo que o avistou, começou a gritar: “Que queres de mim, Jesus, filho do Deus altíssimo? Peço-te que não me atormentes”. E Jesus pergunta-lhe o nome, e ele responde: “Legião”, pois eram muitos os que habitavam naquele homem. Ele implorava para que não o mandasse para o abismo, ou para fora daquela região, e sim, para uma manada de porcos que por ali pastava. Jesus consentiu, e quando entrou nos porcos, a manada precipitou-se no mar, afogando-se toda. Os “que apascentavam os porcos fugiram e contaram tudo na cidade e nos campos”, contudo os habitantes do lugar, pediram a Jesus, que saísse do seu território, e ele tomou o barco e partiu. O homem que havia se livrado dos demônios, dirige-se a Jesus, e pede-lhe para segui-lo. Mas ele manda-o para casa, e pede-lhe que anuncie tudo o que ele havia feito (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995, 1904). Em Mateus, este pedido é omitido.

O romance narra este episódio de forma semelhante ao texto original, sendo que o objetivo do narrador está em enfatizar a ira dos porqueiros pelo prejuízo com os porcos, como demonstra a citação a seguir: Jesus chama a Tiago e João para juntos se aventurarem na travessia para a “margem ocidental” onde viviam os gadarenos. Estavam a caminho, quando perceberam uma tempestade, que ameaçava cair a qualquer momento, o que provoca o desespero dos filhos de Zebedeu, ao que Jesus interfere e

ordena “as águas” e os “ares” que acalmassem e eles obedeceram, levando-os para o rumo certo. Ao chegarem ao local, os três desembarcam e, no caminho, cruzam com um “homem coberto de imundícies e cheirando a putrefação dos túmulos”, que se aproxima de Jesus, revelando-lhe a filiação divina dele, e pede a Jesus que não o atormente. Então Jesus ordena aos espíritos impuros que abandonassem o corpo daquele homem e, feito isso, eles imediatamente saíram e como num “coro de vozes diabólicas” suplicam-lhe que, ao invés de os expulsarem daquele lugar, ele os transportasse para o corpo de uma manada de porcos. Jesus consente. Essa atitude provocará a ira dos “porqueiros” que se mostravam inconformados com a perda de duas mil cabeças de animais, e começam a atirar pedras em Jesus e nos seus companheiros, que se viram obrigados a saírem fugidos do local: “[...] Os espíritos impuros excitadíssimos, esperavam a resposta de Jesus [...] Sim, podem passar para os porcos [...] Fosse pelo inesperado do choque, fosse por não estarem os porcos a andarem com demónios dentro, o resultado foi enlouquecerem todos num repente e lançarem-se do precipício abaixo, os dois mil que eram, indo cair ao mar, onde morreram afogados todos[...] Jesus não queria, mas teve de render-se a argumentos que ganhavam mais poder persuasivo a cada pedra que caía perto. Desceram a correr a encosta para o mar, num salto estavam dentro da barca [...]” (EJC, 356).

O relato da *cura de um leproso* é narrado de forma semelhante pelos sinóticos. Em Marcos e Lucas, o leproso dirige-se a Jesus e implora-lhe de joelhos para que ele o livrasse daquela doença. Isto faz com que se sensibilize e o cure: “Eu quero ser purificado” (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995: 1899)

Este milagre na obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo* dá-se da seguinte maneira: “Durante a sua caminhada pelos povoados, Jesus ia pregando a “Boa nova” e curando os enfermos, exigindo-lhes como única condição à devoção a fé, tal como, nos mostra o exemplo de um leproso que, pede-lhe desesperadamente a cura, e ele assim o faz: “(...) naquele mesmo instante a carne podre tornou-se sã, o que nela já faltava achou-se reconstituído e onde antes estivera um gafoso horrendo e sujo, de quem todo mundo fugia, via-se agora um homem lavado e perfeito (...)” (EJC, 401) .

O milagre da *Cura de um paralítico em Cafarnaum* é narrado pelos sinóticos de forma praticamente igual. Com exceção de Mateus, os demais evangelhos relatam um paralítico que teve de ser levado até Jesus pelo telhado, pois não havia condições de chegar até ele; grande era o número de pessoas aglomeradas. E Jesus, ao convencer-se da sua fé, cura-lhe os pecados. Diante da intolerância dos escribas e fariseus, ali presentes, que chamam os seus atos de “blasfêmia”, ele dá-lhes uma prova de que o “Filho do homem” tinha o poder de “perdoar pecados”, e ordena ao paralítico que pegasse o seu leito e fosse embora, o que provoca a admiração de todos os presentes (A Bíblia de Jerusalém, 1995, 1899).

O episódio da *Cura de um paralítico em Cafarnaum* no evangelho saramaguiano narra uma aventura vivida por um paralítico que teve de ser suspenso e transportado através de “um buraco do telhado da casa onde Jesus estava, que seria a de Simão, chamado Pedro” (EJC, 402) e tão grande era a sua fé, que Jesus disse: “(...) Meu filho, os teus pecados te são perdoados (...)” (EJC, 402). Neste momento, estavam presentes no local uns escribas, que censuram a sua atitude, chamando-a de “blasfêmia”, pois, somente a Deus era permitido perdoar os pecados. Diante do impasse, Jesus pergunta-lhes: “(...) Qual é o mais fácil, dizer ao paralítico os teus pecados te são perdoados, ou dizer-lhe Levanta-te, toma o teu catre e anda (...)” (EJC, 402). Como prova de que tinha poderes suficientes para perdoar os homens na terra, ele ordena ao paralítico que levantasse e fosse embora para casa e este assim o fez.

A passagem d’*Os vendedores expulsos do Templo* é contada nos sinóticos praticamente da mesma forma. Jesus e os discípulos chegam ao Templo em Jerusalém, e o mestre começa a expulsar os vendedores, que ali estavam, e dizia para todos, que a sua casa era lugar de orações e não para servir a “covil de ladrões”. Ao ouvirem esses insultos, os “chefes dos sacerdotes” e os “escribas” começaram a tramocar uma forma de pegá-lo, mas tinham receio da multidão que o glorificava. Após esse episódio, Jesus segue para fora da cidade (A Bíblia de Jerusalém, 1995, 1915). Em Mateus, há menção a curas de cegos e coxos, que se aproximavam dele, além disso, é mencionada uma passagem, em que as crianças exclamavam no templo: “Hosana ao filho de Davi”. Isto provoca a indignação dos sacerdotes que lhe perguntam se ouvia o que diziam a seu

respeito. Ele prontamente responde, de forma provocativa nunca tinham lido a respeito, de que seria da boca dos “pequeninos e das criancinhas de peito”, que sairiam louvores a sua pessoa, depois disso, segue para Betânia, onde pernoita com os discípulos (A Bíblia de Jerusalém, 1995, 1878). O relato de Lucas faz referência apenas a expulsão dos vendedores do Templo (A Bíblia de Jerusalém, 1995, 1967).

No *evangelho* segundo Saramago, esta passagem é retratada de forma semelhante ao texto original. Ao avistar os cambistas, Jesus começa a “derrubar as mesas, empurrando e batendo a eito nos que compravam e vendiam” e em voz alta proclama: “(...) Desta casa que deveria ser de oração para todos os povos, fizestes vós um covil de ladrões (...)” (EJC, 425). Também os discípulos participavam desses atos em que até “os bancos dos vendedores de pombas eram atirados ao chão”, e as aves saíam voando, livres do sacrifício. Neste momento, aparecem os guardas - “armados de bastão”, prontos para agredirem aqueles que iam contra a autoridade do Templo. Além deles, aparecem mais guardas munidos de “espada e lança”. Quando a situação começava a ficar difícil para o “lado de Jesus e seus discípulos”, aparece “o sumo sacerdote, acompanhado dos seus pares e anciões e escribas”, que clama em voz alta: “(...) Deixa-o ir desta vez, que se voltar cá, então o cortaremos e lançaremos fora, como ao joio quando está em excesso na seara e ameaça afogar o trigo (...)” (EJC, 426). E eles seguem o caminho de volta a Betânia, diante do escárnio da multidão.

Nos evangelhos sinóticos, o episódio das Negações de Pedro é apresentado de maneira separada do caminho da cruz. Estes textos possuem algumas particularidades, como veremos a seguir: apenas no relato de Marcos, o galo canta duas vezes, nos demais relatos aparecem apenas um canto. Já as negações de Pedro são em número de três, para todos os evangelhos. Essa passagem relata a recusa de Pedro, em assumir-se como um discípulo de Jesus, quando abordado por uma criada no “Pátio do templo”, que o reconhece e afirma ser ele um dos seguidores de Jesus Nazareno. Ele nega dizendo desconhecer o que ela falava, e o galo canta pela primeira vez. E novamente ela o vê e fala aos presentes, que se trata de um dos seguidores do Nazareno (A Bíblia de Jerusalém, 1995, 1922). Em Mateus, uma outra criada o interpela pela segunda vez. (A Bíblia de Jerusalém, 1995, 1889). Enquanto em Lucas, Pedro é

interpelado pela segunda vez por um homem. E, na terceira vez, é a multidão que diz ser ele o seguidor do “Filho do Homem”, o que o leva a negar novamente. Quando o galo cantou pela segunda vez, Pedro lembrou das palavras de Jesus e começou a chorar (A Bíblia de Jerusalém, 1995, 1973).

O caminho da cruz relata o momento em que Jesus fora levado para ser crucificado e a presença de um homem com o nome de Simão Cireneu que é chamado para carregar a cruz até um lugar conhecido como Gólgota (A Bíblia de Jerusalém, 1995: 1923). Em Mateus, este homem é chamado Simão de Cirene, pois era desse lugar. Após ser sacrificado, suas vestes foram repartidas entre os discípulos, e acima de sua cabeça foi escrito o motivo de sua condenação: “Rei dos judeus”. Junto a ele foram crucificados dois ladrões: “um à direita e outro à esquerda” (A Bíblia de Jerusalém, 1995: 1893). Em Lucas, o relato da crucificação é mais detalhado, ele fala da multidão que segue a cruz, assim como das mulheres, “que batiam no peito e se lamentavam”. E então, Jesus dirige-se a elas dizendo: “Filhas de Jerusalém não choreis por mim, chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos! Pois, eis que virão dias em que se dirá: felizes as estéréis, as entranhas que não conceberam e os seios, que não amamentaram (A Bíblia de Jerusalém, 1995, 1975).

O episódio de Pedro é narrado pelo evangelho saramaguiano, de forma muito semelhante ao texto original, sendo que no romance “as negações de Pedro” e o “caminho do Gólgota” são narrados juntos como veremos a seguir. Jesus é levado ao Gólgota, e no caminho, já sentia as suas pernas fraquejarem “sob o peso do patíbulo”. Além disso, tinha que suportar as vaias da multidão. Neste momento, Pedro é interpelado por uma mulher, que afirmava ser ele um dos seguidores de Jesus, mas ele nega e esconde-se atrás da multidão, e a mesma mulher, novamente o interroga, e ele nega de novo, e pela terceira vez negou. Podemos perceber na obra, outro direcionamento para esta passagem bíblica: a fala de Jesus às mulheres e a descrição do local onde seriam crucificados os três condenados. Ambos os casos, denotam um sentido que visa a destituir à personagem Jesus de qualquer importância, diante das demais. Além de destacar a figura de Maria de Magdala entre as demais mulheres, como veremos nas citações a seguir: “(...) Maria de Magdala deu um grito como se lhe estivesse rompendo a alma, e

Jesus disse, Chorarás por mim, e vós mulheres, todas haveis de chorar, se for chegada uma hora igual para estes que aqui estão e para vós próprias, mas sabeis que, por cada palavra vossa, se derramariam mil no tempo que há-de vir se eu não fosse acabar como é minha vontade” (EJC, 437-438). E, mais adiante: “(...) As mulheres sobem ao lado de Jesus, [...] e Maria de Magdala é a que mais perto vai, mas não pode aproximar-se porque não a deixam os soldados, como a todos e todas não deixarão passar nas proximidades do local onde estão levantadas três cruzes, duas ocupadas já por dois homens que berram e gritam e choram, e a terceira, ao meio, esperando o seu homem, direita e vertical como uma coluna sustentando o céu (...)” (EJC, 444).

A seleção destas passagens obedeceu ao critério de aproximação da abordagem do romance com o texto bíblico, porém deve-se considerar que a revisitação do texto bíblico constitui-se numa forma de dialogar com o presente. Nesta atitude podemos observar a relativização dos preceitos tidos como verdadeiros pela tradição - aqui representada pelo texto bíblico, que se constitui num discurso da fé, no qual existe apenas a preocupação em veicular o caráter profético de Jesus.

Referências

- A BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.
- ARNT, Ricardo. “*Procura-se Jesus Cristo*”. Super Abril, abril/96. p. 46-59.
- HUTCHEON, Linda. *Uma Teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.